

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

BRUNA BETAMIN DE SOUZA

AS PERSONAGENS DE VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS, E SUAS
EXPRESSÕES VERBAIS.

Porto Alegre,

2014

BRUNA BETAMIN DE SOUZA

AS PERSONAGENS DE VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS, E SUAS
EXPRESSÕES VERBAIS.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau em Licenciada em Letras
pela Universidade Federal do Rio Grande
do Sul

Orientador: Prof^ª. Dra. Regina Zilberman

Porto Alegre,

2014

Dedico esse trabalho a Douglas, por ter me incentivado a estudar na instituição na qual me graduo e ter por reconhecido em mim o potencial que me era invisível.

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa demonstrar gratidão. Sendo assim, mesmo correndo o risco de esquecer alguém, gostaria de deixar o meu muito obrigada aos meus pais, Rosa e Remi, pelo exemplo de caráter, persistência e luta nos momentos de adversidade. Sou grata por todo amor dedicado e pelo auxílio para que eu chegasse até aqui.

Às minhas irmãs, Sílvia e Júlia, que me ensinaram muito, cada uma à sua maneira; demonstrando apoio e amor, mesmo à distância.

À Eduarda, Luana, Luiene, Rafaela e Laura por fazerem meu último semestre ser mais leve, suportando comigo os “fardos” do fim da graduação. Em especial às queridas Rafa e Laurinha, pela convivência diária nesses últimos cinco anos, pelo amor construído, pelos conselhos, pela paciência e tempo dedicados. Sou infinitamente grata por ter conhecido vocês.

Aos professores da graduação do curso de Letras, que me ensinaram muito mais do que conteúdos, sendo exemplos de profissionais nos quais me inspirarei para seguir em minha profissão. Destaco aqui os professores Arcanjo Pedro, Ian Alexander e Paulo Seben. Além desses, agradeço especialmente à professora Regina Zilberman, por ter me orientado com sua paciência e dedicação, sem os quais esse trabalho não teria sido o mesmo.

A Douglas, que me ensinou a “sofrer de ideia fixa”, sendo aquele que me viu na minha invisibilidade e ainda assim, me amou. Tendo sido quem despertou em mim o sonho de estudar nessa instituição, transformando a minha vida. Sou grata pelo teu apoio incondicional, pelos teus sacrifícios e pelo teu carinho.

Ao meu querido tio Renatinho, In Memoriam, por me ensinar simplicidade.

Quem dormiu no chão deve lembra-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze.

(Graciliano Ramos)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a linguagem verbal das personagens principais do romance *Vidas Secas*. Esse romance de Graciliano Ramos narra a trajetória de quatro integrantes de uma família – Fabiano, Sinhá Vitória, Menino mais velho e Menino mais novo - que tenta sobreviver à seca e às adversidades. Nosso intuito é observar de que forma a linguagem verbal contribui para que essas personagens sejam diferenciadas dos animais, visto que a maioria dos trabalhos acadêmicos acentua o processo de zoomorfização delas. Para essa análise, procedeu-se ao levantamento das falas das personagens principais da obra, considerando os tipos de discurso empregados no seu decorrer: direto, indireto e o indireto livre. Além disso, analisou-se a trajetória das personagens dentro da narrativa para verificar suas mudanças interiores.

Palavras-chaves: Vidas Secas. Graciliano Ramos. Linguagem verbal.

ABSTRACT

This study aims to analyze the verbal language of the main characters in the novel *Vidas Secas*. This novel by Graciliano Ramos tells the trajectory of four members of a family - Fabiano, Sinhá Vitória, Older boy, Younger boy- trying to survive drought and adversities. Our purpose is observe how the verbal language contributes to these characters to be distinguished from animals, since most academic work accentuates their zoomorfização process. For this analysis, we proceeded with collection of data from the main characters in the novel, considering the types of use in their speech: direct and indirect discourse. In addition, we analyzed the trajectory of the characters within the narrative to check their changes.

Keywords: *Vidas Secas*, Graciliano Ramos, Verbal language.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO.....	9
1. A TRAJETÓRIA DAS PERSONAGENS	12
1.1. Menino mais novo	12
1.2. Menino mais velho:	15
1.3. Sinhá Vitória	20
1.4. Fabiano	24
2. A EXPRESSÃO VERBAL	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	38
1.1 Discurso direto	38
1.2 Discurso indireto	41
1.3 Discurso indireto livre.....	46
1.4 Discurso interior	47

INTRODUÇÃO

Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo, Alagoas. Era descendente de uma família de proprietários rurais arruinados. Mudou-se para Maceió, onde concluiu seus estudos secundários. Em 1936, foi preso por atividades ditas subversivas sem, contudo, ter sido acusado formalmente, tendo percorrido vários presídios durante um ano e sofrendo muitas humilhações. Em 1945, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro e, em 1952 viajou para os países socialistas do Leste Europeu. Faleceu no Rio de Janeiro. Escreveu algumas obras – *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Memórias do Cárcere* (publicação póstuma, 1956) – que representam diferentes facetas da dor experienciada pelo ser humano Segundo Alfredo Bosi, “Graciliano Ramos representa, em termos de romance moderno brasileiro, o ponto mais alto da tensão entre o eu do escritor e a sociedade que o formou.” (1991, p. 452)

Vidas Secas é uma das obras de maior representatividade dentro do chamado Romance de 30, período literário onde os autores buscam retratar a realidade social pelo viés de uma perspectiva crítica. *Vidas Secas* narra a trajetória de uma família sertaneja que é vítima das forças da natureza e busca sobreviver em meio as situações adversas. Rubem Fonseca considerou o livro um romance desmontável, porque os treze capítulos que o compõem podem ser lidos isoladamente. (Apud BOSI 1991, p. 453)

Os estudos dessa obra costumam referenciar que as personagens principais do enredo são envoltas num processo de zoomorfização que faz com que sejam apresentadas de forma menos humana. O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de humanização das personagens através da expressão verbal. Para essa análise, procedeu-se ao levantamento das falas das personagens principais da obra – Fabiano, Sinhá Vitória, Menino mais velho e Menino mais novo –, considerando os tipos de discurso empregados no seu decorrer: direto, indireto e o indireto livre. Esse levantamento determinou a produção das tabelas, anexadas a este trabalho. Além disso, analisou-se a trajetória das personagens dentro da narrativa para verificar suas mudanças interiores.

A escolha da expressão verbal das personagens principais enquanto objeto de estudo deu-se porque percebemos que grande parte dos trabalhos acadêmicos,

relacionados com essa obra, costuma analisar como se dá o processo da zoomorfização das personagens, seja apontando a pobreza como ponto de partida para esse processo, ou teorizando sobre a falta de signos linguísticos como fator redutor da humanização. Os estudos de Cardoso¹ (2013) e Walter² (2004), respectivamente, são exemplos dessas abordagens.

Nosso intuito é percorrer o caminho contrário, buscando compreender de que forma a expressão verbal contribui para a ênfase do caráter humano das personagens. A análise será feita a partir da trajetória das quatro personagens principais da obra, expondo suas aspirações e angústias. Estabelecidos os desejos de cada personagem, buscaremos analisar como cada um lida com sua aspiração e identificar se esse desejo é alcançado ou não. Enfatizar-se-á ainda em que nível a expressão verbal, ou falta da mesma, interfere na trajetória dessas personagens.

Para o desenvolvimento dessa análise, foram utilizados como norteadores o conceito de interação verbal de Mikhail Bakhtin, presente no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), e o conceito de linguagem de Emile Benveniste, em sua obra *Da Subjetividade da Linguagem* (1988), em que o autor expressa que a linguagem é parte da natureza do homem. Em *A personagem de Ficção* (2005), de Antonio Candido, encontramos as definições para a análise das personagens. De acordo com esse autor, a natureza das personagens depende em parte da concepção e das intenções do romancista, permitindo, assim, compreender as personagens dessa obra como representações da sociedade que se encontram.

O desenvolvimento dessa proposta dar-se-á em dois capítulos. O primeiro explicita a trajetória das personagens e suas aspirações, além de mostrar como cada personagem lida com seus desejos. No segundo capítulo será feita uma análise da importância do uso da expressão verbal por parte das personagens principais da obra e de que forma a expressão verbal afasta as personagens da animalização. Portanto, pode-

¹ CARDOSO, Fernando Juarez. *De Dependentes a Pobre Diabos: um breve percurso da pobreza na literatura brasileira*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

² WALTER, Letícia. *A Posição Física e a Falta de Signos Linguísticos como Fator Redutor em Vidas Secas*. Porto Alegre, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

se verificar que o processo de zoomofização dá-se por influência do narrador, que atua nas brechas entre os discursos das personagens. Concluiu-se também que, mesmo não sendo considerada pelas personagens, a expressão verbal atua como fator humanizador delas por oposição a inabilidade de fala dos animais. Percebeu-se ainda que o ambiente hostil no qual as personagens se encontram também contribui para sua baixa verbalização, sendo assim, com a perspectiva de mudança e abandono da caatinga, abre-se uma possibilidade de aperfeiçoamento da característica.

1. A TRAJETÓRIA DAS PERSONAGENS

1.1. Menino mais novo

A personagem do menino mais novo é apresentada como uma criança sem nome, nem idade específica. O leitor apenas o conhece pela oposição a seu irmão - menino mais velho - pois o narrador o trata como “menino mais novo” ou “menino menor” durante toda a narrativa. Nada se sabe sobre sua aparência. O pouco que o leitor conhece sobre ele é que é filho de Fabiano e Sinhá Vitória, não possui escolarização, vive na fazenda com sua família, não conhece outras crianças além do irmão.

A trajetória desse personagem inicia-se, tal como ocorre aos outros membros da família, numa travessia pela caatinga. Ele está no colo de Sinhá Vitória durante parte da jornada, até o momento em que a família interrompe a caminhada para descansar. No momento em que a cachorra Baleia caça um preá que seria comido pelo grupo, as crianças foram quebrar hastes de alecrim para servir de espeto à caça. O menino volta a ter destaque novamente apenas no capítulo que leva seu “nome”.

Em seu capítulo, o menino mais novo vê o pai trajado com uma roupa diferenciada e montando uma égua que, aos olhos da criança, parece estar com o “diabo no corpo”. Sem entender como Fabiano consegue subir na égua, desviar-se dos coices e cair em pé ao ser derrubado, o menino começa a maravilhar-se diante da façanha. Ele incomoda-se por mais ninguém estar atento à tarefa do pai, e tenta fazer com que a cadela Baleia preste atenção, mas é ignorado pelo animal que volta a dormir. Não satisfeita, a criança tenta comunicar-se com a mãe que tem sua atenção voltada para a caça de lêmbras no filho mais velho. Ele quer expressar à mãe seu sentimento de admiração pelo pai, mas não recebe a atenção necessária, não conseguindo, portanto, falar com Sinhá Vitória, que por sua vez, afasta o menino com um cascudo. O garoto ainda sente-se descontente por estar observando sozinho à façanha do pai.

A imagem de Fabiano domando a égua permanece na mente do menino por algum tempo. A criança sente necessidade de falar disso com alguém, mesmo não sabendo o que dizer. Por fim, não acha nem interlocutor, nem o que dizer, desistindo assim da conversa. Ele compreende que, mesmo encontrando alguém com quem dialogar, não saberia quais palavras utilizar, achando inclusive que as palavras que conhece serão insuficientes para expressar sua admiração diante da façanha do pai.

Surge à mente do pequeno o projeto de montar no bode. O menino pensa em falar com o irmão, entretanto, desiste por receio de sofrer com o deboche do outro. Em sua mente, inicia-se um questionamento acerca de sua bravura em comparação com a do pai. “Precisava mostrar que podia ser Fabiano. Conversando, talvez conseguisse explicar-se”. (RAMOS, 1982, p. 50). O garoto precisa saber se é igual a Fabiano ou não, ele quer provar que pode ser igual ao pai. Por isso, ele insiste na ideia de montar o bode. Nesse trecho ainda é possível perceber que, mesmo tendo desistido de conversar com alguém, o menino sabe que se conseguisse fazê-lo sua ânsia de afirmar-se diminuiria.

Chegado o momento, a criança espera com paciência o instante certo para montar no animal, percebe que o irmão e a cachorra estão por perto e tenta avisar-lhes de que fará algo inacreditável, algo que certamente deixará boquiabertos a todos. Tanto o irmão quanto a cachorra não percebem que o menino está tentado falar com eles. O garoto enche-se de raiva e decide iniciar sua tentativa. Seu projeto fracassa. O bode joga-o no chão, e ali ele sente-se vexado e com raiva do irmão e da cachorra por não perceberem que ele está fazendo algo heroico. O menino segue admirando o pai, mas decide não tentar imita-lo até ser “homem”. A criança pensa muito a respeito do episódio, projeta todas as suas ações para quando for grande, para fazer Baleia e o irmão admirá-lo.

Durante todo o episódio da égua e do bode, o menino mais novo tenta em diversos momentos conversar com os que lhe cercam, alertá-los para o feito do pai, falar o quanto Fabiano foi bravo e forte por conseguir domar a égua. Em nenhum momento, o garoto consegue atrair a atenção de seus familiares ou conversar com eles sobre a ação grandiosa do pai. A criança angustia-se frequentemente por não conseguir expressar verbalmente aquilo que deseja. Ele tem a impressão de que as palavras não darão conta de expor aquilo que ele gostaria, porque o próprio menino parece não ter “palavras suficientes” para conversar com os outros.

No capítulo “Inverno”, é narrada uma cena durante uma noite chuvosa em que a família está acomodada próxima a uma pequena fogueira. Está frio, e a fogueira não produz calor suficiente para aquecer a família. O pai começa a narrar casos que vivenciou para distrair a família. Os filhos ficam muito atentos à história contada, entretanto há passagens da narrativa de Fabiano que ficam obscuras aos pequenos. As crianças tentam discutir em voz baixa a respeito de um determinado trecho da narrativa

por não compreenderem o que havia sido dito. Mesmo falando um com o outro, não conseguiam se entender porque as palavras usadas são escassas. As crianças se utilizam de sons na tentativa de comunicação, e assim acabam produzindo mais barulho do que deviam. O pai chama a atenção dos filhos que faziam barulho atrapalhando a narrativa, e em seguida percebe que as crianças não haviam compreendido parte da história, trocando assim as palavras usadas por outras.

O filho mais novo, ao compreender o trecho que antes estava inacessível, bate palmas para demonstrar alegria. Fabiano agita as mãos diante do fogo e deixa o menino mais novo encantado por conta do reflexo do vermelho na pele do pai. Nesse episódio, as crianças não conseguem dizer ao pai que não compreenderam, também não obtém êxito conversando entre si. As palavras soam como grunhidos e não como língua.

O menino mais novo tem como objetivo principal ser como o pai, e a cada feito de Fabiano a admiração da criança torna-se maior. O filho não consegue comunicar-se com o progenitor, por isso não há aproximação entre eles. O menino conclui que tudo poderia ter sido previamente evitado, caso o pai conversasse com ele. A conversa não acontece, e a impossibilidade de expressar-se deixa-o zangado. A criança tem raiva do pai, mas não expressa nada a ele. Fabiano também não sabe como expressar o que pensa aos filhos, dificultando ainda mais uma possível conexão entre eles.

O menino mais novo usa-se de gestos, grunhidos, gritos e outras ações não verbais para chamar a atenção dos outros familiares e até mesmo para comunicar-se com eles. Em algumas passagens do texto, a criança parece procurar palavras para dizer o que quer, mas desiste porque não as conhece. Usar as palavras para comunicar-se é mais difícil para ele do que usar meios não verbais, mesmo que dessa forma ele não consiga expor à família aquilo que deseja.

O espaço onde o menino menor se encontra não contribui para o desenvolvimento de intelecto da criança. Os pais são exemplos de adultos que não dialogam e não incentivam ao diálogo – sempre que se sentem perturbados machucam, com cascudos, os pequenos. Além disso, ele e o irmão são os únicos exemplos infantis dentro da fazenda, logo, não há mais seres da mesma idade para que haja alguma troca. A personagem tenta comunicar-se também com os animais, não percebendo que esses não o compreenderiam devido à diferença intelectual.

Os exemplos de expressões verbais as quais o menino é exposto também são precários, visto que a mãe e o pai pouco falam. Em alguns momentos da narrativa ele expressa-se do mesmo modo que fazem os animais, imitando-os. No trecho em que ele tenta montar no bode é possível perceber sua atitude imitativa: “Pôs-se a berrar, imitando as cabras, chamando o irmão e a cachorra. Não obtendo resultado, indignou-se”. (RAMOS, 1982, p. 51).

No último capítulo da obra, Sinhá Vitória expressa a Fabiano o desejo de mudar-se da fazenda, procurando mais ao sul uma vila, ou cidade, onde possam fixar-se. Nesse trecho, a mãe ainda fala que gostaria de ir a um local onde os meninos pudessem estudar, para que fossem melhores do ela e Fabiano. Esse momento é o único na narrativa em que é mencionada instrução escolar.

O desejo do menino mais novo é ser bravo como Fabiano. Ele não consegue expressar sua vontade, o que provoca sua frustração. Sem saber como lidar com esse sentimento, a criança acredita ser raiva. A personagem decide guardar seu desejo por ser igual ao pai para quando for adulto. Ele compreende que, por ser criança, não conseguirá se equivar aos feitos do progenitor. E acredita que, ao se equivar ao pai, será admirado pelo irmão e pela cachorra por sua bravura. Podemos compreender que o desejo mais profundo dessa personagem é a atenção dos que lhe cercam, e em sua concepção essa atenção lhe será atribuída quando ele fizer algo importante.

1.2. Menino mais velho:

Esse personagem também é uma criança, filho de Sinhá Vitória e Fabiano. O menino não é escolarizado, tal qual o irmão, e também não há indícios de sua idade. Sabemos apenas que ele é o filho mais velho do casal. No início da obra, enquanto a família caminha pela caatinga, ele desmaia devido às condições adversas da jornada. O pai tenta falar com ele, fazê-lo levantar-se, mas percebe que não obterá sucesso diante da exaustão do filho e resolve carregá-lo.

Em seu capítulo, o menino mais velho ouve na conversa de Sinhá Terta a palavra “inferno”, enunciada pela mulher que esteve fazendo uma reza para ajudar a curar as dores nas costas de Fabiano, tendo mencionado aquele lugar. A criança ouve e absorve a palavra. Ele busca informações com a mãe sobre o que significa o vocábulo. Ela explica vagamente, fazendo alusão a um lugar ruim, quente e com espetos. A criança quer mais

detalhes, busca uma explicação completa, por isso pergunta à mãe se ela já esteve lá: “Como é? [...] A senhora viu?” (RAMOS, 1982, p. 55). A mãe irrita-se com as perguntas e aplica um cascudo no menino. O garoto sai indignado por achar injusto o cascudo. Sentado com a cachorra Baleia debaixo de uma árvore, o menino tenta comunicar-se com o animal e explicar sua aflição. A conversa envolve poucas palavras, porque o vocabulário da criança é pobre.

O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. (RAMOS, 1982, p. 55)

O menino pensa sobre todos os lugares que conhece e não compreende como um lugar pode ser ruim. Também não consegue achar razão para que uma palavra tão bonita signifique algo tão perverso. Decide tentar ensinar ao irmão mais novo e à cachorra a palavra. Não obtendo sucesso, entristece-se com Sinhá Vitória por ter dito que inferno era um lugar ruim e por ter aplicado-lhe um cascudo. Ele tenciona discutir com Sinhá Vitória sobre o lugar, para ele, se Sinhá Vitória confirmar que esteve no inferno ele acreditará que é um lugar mau, contudo, não admite que ela tente convencê-lo com pancadas.

O menino sabe que o episódio envolvendo a palavra poderia ter sido evitado se Sinhá Vitória tivesse conversado com ele. Ele mantém sua curiosidade sobre as coisas que o cercam, mas sente-se inibido por conta do cascudo, e percebe que não é bom levantar questionamentos aos adultos. A seu ver, nem a mãe e nem o pai parecem importar-se com suas perguntas.

O menino não compreende por que um lugar quente é considerado tão ruim, afinal, ele vive num ambiente semelhante ao descrito por Sinhá Vitória, e não pensa que esse espaço seja mau. O personagem está inserido num espaço similar ao descrito como inferno, contudo não consegue fazer uma conexão entre o lugar que vive e o inferno porque não considera o espaço onde está mau.

O menino não tem distanciamento suficiente para avaliar o mundo que o rodeia. O autor faz desse episódio uma ironia ao leitor, deixando implícito nesse episódio um questionamento: como descrever o inferno a quem já se encontra nele? Toda

adversidade vivida pela família, tais quais como o clima e a miséria, são trazidos por Graciliano para que o leitor reflita, juntamente com o menino mais velho, como pode haver lugar ruim, pior do que aquele que se encontra a família.

No capítulo “*Inverno*”, enquanto Fabiano narra à família casos vividos por ele, o menino mais velho resolve buscar mais lenha para abastecer o fogo. O pai acha-o insolente e aplica-lhe um cascudo. O menino, sem compreender o porquê, corre a refugiar-se perto da mãe que o defende do pai. O que a criança desejava era aquecer a família e enxergar Fabiano contando sua história.

Ao contar a história, Fabiano muda trechos da narrativa, no intuito de gabar-se de seus feitos, irritando assim o menino mais velho. As crianças tentam discutir sobre a parte que ficou obscura, trocam grunhidos que fazem com que Fabiano perceba o problema. Ele conta a história de outra forma, para que os filhos compreendam.

A criança perde o foco da narrativa e não consegue mais situar-se na história que ouviu anteriormente. A mudança desta provoca desinteresse no menino, que, conhecendo as palavras usadas na versão anterior, conseguia situar-se dentro da história e manter-se atraído por ela. A troca de fatos narrados diminui também a verossimilhança: o herói do conto não parece o mesmo ao pequeno. O menino também não consegue enxergar a boca do pai em meio à escuridão para diferenciar as palavras e compreender seu sentido.

O desejo do menino mais velho é de que a história seja contada de forma idêntica à versão anterior, pois desse modo ele não precisaria olhar a boca do pai, por já saber aquelas palavras. Ele não consegue explicar a Fabiano que não compreendeu algo ou que a história não é mais a mesma. O pequeno já aprendeu que não é bom levantar questionamentos aos adultos, esses geralmente punem fisicamente as crianças com cascudos.

No capítulo “*Festa*”, após passear entre as bancas, a família se reúne na calçada. Já cansados do evento, as crianças ficam apreensivas pela falta da cachorra, que em seguida reaparece. O menino mais velho agarra-a com força, e os dois pequenos tentam explicar ao animal que ficaram preocupados com ela. Após o momento de apreensão pelo desaparecimento do animal, as duas crianças começam a observar e maravilhar-se com os objetos ao redor. Nenhum dos dois havia visto tão vasta coleção de novidades.

Eles discutem baixinho. O menino mais velho fica surpreso, ao pensar nos nomes dados a todos os objetos que agora ele e o irmão presenciavam. O mais novo quer saber se foram as pessoas que inventaram todos os artigos que eles observam. Após refletir um pouco, o menino mais velho se choca por pensar que talvez as pessoas tenham criado palavras para nomear todos aqueles itens.

Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. (RAMOS, 1982 p. 84)

O menino mais velho não crê na possibilidade de pessoas saberem tantas palavras. O garoto ainda pensa que, sem os nomes, os objetos parecem diminuir de significado. Ele conclui que os itens não foram feitos por gente porque seria improvável que as pessoas tenham nomeado todos aqueles objetos. Em sua análise, os homens não são capazes de armazenar vasta quantidade de vocábulos. Sua conclusão baseia-se na própria experiência: o personagem conhece poucos vocábulos – quantidade insuficiente para que consiga se comunicar com eficiência – logo, não consegue imaginar-se conhecedor de tantas palavras.

A percepção do menino mais velho de que pouco sabe sobre o que o cerca causa-lhe temor. Ele e o irmão conversam baixinho para não despertar “as forças estranhas que elas porventura encerrassem” (p. 45). Nesse capítulo o menino mais velho parece encontrar um lugar onde sua curiosidade pode ser sanada, e, diante dessa possibilidade, amedronta-se por não ter cogitado algo tão grandioso.

Esse personagem apresenta um forte interesse pelo mundo circundante. Ele não encontra respostas às suas perguntas junto aos adultos, ao contrário, o pequeno normalmente sofre castigos quando apresenta algum questionamento aos pais. Há nele uma esperança de que a vida não seja apenas aquilo que o rodeia, e no capítulo “*Festa*” vê comprovada sua desconfiança. Ao perceber a diversidade de objetos, locais e de gente muito maior do que está acostumado, o menino mais velho assusta-se diante da possibilidade do mundo ser mais vasto do que imaginou. Ele comenta que todos os lugares que conhece são bons, e ainda questiona-se se é possível haver lugares ruins. A curiosidade da criança é desencorajada pelos pais por conta dos cascudos. O menino aprende que não deve perguntar demais aos pais, pois a resposta não é satisfatória.

A vida na fazenda oferece ao menino mais velho um mundo bastante restrito que o faz sentir seguro. Seu desejo é ver mais coisas, explorar outros lugares, contudo, no momento em que ele poderia explorar todas as novidades ao redor, a insegurança frente ao desconhecido barra-o. Não lhe ocorre perguntar ao pai ou a mãe sobre as novidades que se apresentam por intuir que o episódio deve ser novidade também para os pais.

A proximidade desse personagem com a cachorra Baleia indica que ele é muito solitário. O menino mais velho é mencionado na obra como companheiro da cachorra. No primeiro capítulo da obra, podemos perceber que a cachorra sente o mesmo afeto pelo menino quando o narrador explica que, após o desmaio do pequeno, Baleia toma a frente do grupo por falta de companhia: “Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo”. (RAMOS, 1982, p.11). Essa relação de companheirismo é destacada ao longo de toda a obra, pois, a cada vez que o menino sente-se triste ou chateado com algo, ele refugia-se na companhia do animal, evidenciado o desejo da criança de possuir um amigo.

O menino mais velho tenta algumas aproximações do irmão mais novo, contudo, não há uma relação de amizade estabelecida entre os dois personagens. Há dois momentos na obra em que a aproximação deles é destacada: no episódio do sacrifício de Baleia, quando ambos querem salvá-la e são impedidos pela mãe, e no episódio da festa, em que as duas crianças encontram-se maravilhadas pela imensidão que os cerca.

Esse personagem possui dois desejos: ter um amigo e conhecer mais do mundo que existe para além da fazenda. Seu desejo de ter um amigo é sufocado com a morte do animal que lhe fazia companhia, deixando-o assim, mais solitário do que anteriormente. Com o desfecho da narrativa, quando a família resolve mudar-se para outro local, os desejos do menino tomam novas perspectivas. Com a nova travessia, verá mais do mundo que nele desperta tanto interesse, e com a possibilidade de os pais arranjam um local para estudar, o sentimento de solidão também será reduzido, visto que provavelmente haverá mais crianças com quem poderá conviver. Entretanto, os pais não mencionam o que pretendem fazer aos filhos. Essa “falta de comunicação” entre os pais e o menino não lhe oferece perspectivas a respeito de seu futuro, e ao fim da obra ele continua solitário e intrigado.

1.3. Sinhá Vitória

Sinhá Vitória é a esposa de Fabiano e mãe dos meninos. A obra não fala sobre sua idade ou aparência, apenas que ela é a matriarca da família que cruza a caatinga. Também não é dito ao leitor nada sobre o passado da mulher, embora lhe ocorram lembranças soltas e desconexas, não explicadas pelo narrador. No capítulo “*Mudança*”, durante a travessia da família pela caatinga, Sinhá Vitória carrega o filho mais novo no colo e um baú sobre a cabeça. No momento em que o filho mais velho sucumbe ao cansaço e é carregado por Fabiano, ela indica apenas com a expressão facial que a família deve continuar caminhando.

Sinhá Vitória é quem toma a decisão de transformar o papagaio em alimento para a sobrevivência da família, justificando que o sacrifício do animal era justo porque ele era “(...) mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo”. (RAMOS, 1982, p. 11). Além da inutilidade do animal, a necessidade da família permanecer viva falou mais alto. Em outros momentos da narrativa, a morte do papagaio lhe vem à mente, e ela sente-se culpada pelo abatimento do bicho, contudo, sabe que, sem o sacrifício do animal, provavelmente toda a família pereceria durante a jornada.

Ao colocar um papagaio mudo numa família quase muda o autor destaca a característica da baixa verbalização da família. Sinhá Vitória diz que o animal era inútil porque não sabia falar, mas a falta de vocabulário do bicho se dá porque a família pouco dialoga, por consequência, a ave não ouve palavras suficientes para repetir. Após julgar o animal inútil por não falar, a mulher pondera sobre os poucos diálogos da família, “Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas.” (RAMOS, 1982, p. 11). Como se tentasse justificar para si mesma que a inutilidade do papagaio não se aplica à família, ela acrescenta que além de mudo, o animal não poderia aprender a falar, contrapondo à família, que poderia aprender, explicitando assim, que a mudez é um elemento de não-humanidade, sendo a linguagem o item que confere sentido humano à existência. Apresentando através dessa digressão o caráter esperançoso do personagem, que acredita num futuro melhor para si e para a família.

Sinhá Vitória cuida da casa, da comida, dos meninos, além de ajudar com alguns serviços da fazenda. Ela deseja uma vida com o mínimo de conforto, sendo sua grande ambição ter uma cama com lastro de couro, vontade que perdura por a obra toda. A personagem também deseja uma vida menos sofrida, em um lugar onde os meninos possam estudar. Sinhá Vitória anseia em viver num lugar fixo, com menos sofrimento. Com a vontade de uma vida com menos sofrimento, podemos entender que Sinhá Vitória deseja, mais do que tudo, a sobrevivência da família.

No episódio em que a família atravessou a caatinga, ela percebeu que todos poderiam perecer ali, em meio ao nada, e esse medo permanece dentro dela. Ao fim da obra, a mulher sugere a Fabiano que a família se mude para outro local antes que a seca retorne. O maior temor de Sinhá Vitória é a seca – “Só tinha medo da seca.” (RAMOS, 1982, p. 43) –, porque ela viveu momentos extremos com sua família. A seca quase causou a morte de toda a família, e ao pensar sobre isso a mulher teme por seus filhos, ela não quer que eles tenham que enfrentar novamente situação tão adversa porque compreende que a família possa não suportar. Sinhá Vitória tem consciência de que a família só sobreviveu porque encontrou a fazenda para se abrigar.

O desejo de possuir uma cama de lastro de couro é tão forte, que Sinhá Vitória tenta encontrar entre as despesas da família algum item que pudesse ser cortado, para reverter-se o dinheiro na compra do material para a confecção do móvel. A seu ver, a despesa que poderia ser abatida era a da bebida de Fabiano. Ela comenta com o marido sobre o gasto com cachaça e jogatina, e eles acabam brigando, porque Fabiano acha que o único par de sapatos que Sinhá Vitória possui é um desperdício, vendo mais necessidade no álcool consumido por ele do que nos calçados eventualmente utilizados pela mulher.

Sinhá Vitória sente-se humilhada pelo marido, que se referiu aos pés da esposa como “pés de papagaio”, por serem espalmados e não caberem de forma apropriada em sapatos. Nesse trecho, o leitor pode compreender que a mulher sentiu-se atacada com essa comparação, porque Fabiano utilizou o animal que outrora a esposa decidiu sacrificar para dar de comer à família, reavivando nela a culpa provocada pela morte do papagaio. Além disso, os sapatos são o único elo que fazem Sinhá Vitória sentir-se parecida com as outras pessoas, e, ao condenar o item como desnecessário por falta de

uso, Fabiano afasta a esposa da civilidade, aproximando-a ainda mais da animalização que a família vive.

Sua mágoa com a referência feita por Fabiano ainda se faz maior, porque o marido não reconheceu que ele mesmo só está vivo porque Sinhá Vitória matou o papagaio. A mulher chama Fabiano de ingrato por não reconhecer o valor dela ao ter garantido a sobrevivência dele. Sinhá Vitória pensa com frequência no animal. Ela se culpa por pensar que o papagaio deveria ter sobrevivido tal qual a família, porque ela acredita que a família não diferia muito do animal. “E botou os filhos para dentro de casa, que tinham barro até nas meninas dos olhos. Repreendeu-os: - Safadinhos! porcos! sujos como... Deteve-se. Ia dizer que eles estavam sujos como papagaios”. (RAMOS, 1982, p. 43). Nessa passagem, podemos compreender que a ave está na mente da personagem por conta da culpa, mas também há uma equivalência apontada por ela entre o bicho e seus filhos.

A cama de lastro de couro simboliza a estabilidade que Sinhá Vitória ambiciona para a família. Essa personagem quer estabelecer-se num lugar melhor, mais próximo da civilização. A cama não está apenas relacionada com conforto, mas com uma vida mais humanizada da que a família tem. Eles sentem-se como animais, e durante a narrativa é possível perceber mais semelhanças com o comportamento animalesco do que com o humano. A personagem compreende que cama serviria como ponto de ruptura, tornando-os indivíduos.

Ao longo da narrativa, o leitor verifica que Sinhá Vitória é a mais inteligente dentre os quatro personagens da família, pois é ela quem faz as contas para saber se Fabiano está recebendo os valores certos – percebendo assim, que o marido está sendo logrado pelo fazendeiro. É a mulher que separa o dinheiro destinado às despesas. Fabiano é quem vai à cidade, mas é Sinhá Vitória quem lhe diz o que comprar e quanto ele pode gastar.

O controle de Sinhá Vitória sobre as despesas pode ser percebido no capítulo “*Cadeia*”. Quando Fabiano vai à cidade, envolve-se no jogo de cartas com o soldado amarelo e acaba perdendo o dinheiro. Seu primeiro pensamento dirige-se à mulher, a quem ele deveria confessar a perda do dinheiro: “Que desculpa iria apresentar a Sinhá Vitória?” (RAMOS, 1982, p. 28). Durante a mudança, no capítulo final da narrativa, ela tem a ideia de colocar a cuia que Fabiano carregava e uma trouxa sobre a cabeça do

menino mais velho, para aliviar a carga do marido e proporcionar um refúgio do sol ao filho. Essa atitude causa admiração em Fabiano, fazendo com que ele se dê conta do valor da inteligência da esposa.

Sinhá Vitória é religiosa, anda sempre com um rosário entre os seios e normalmente balbucia rezas. Ela costuma apegar-se a orações e pedir proteção porque crê que apenas a interferência divina pode tirar a família da desgraça que é a seca: “Aprumou-se e endireitou o baú, remexeu os beiços numa oração. Deus Nosso Senhor protegeria os inocentes”. (RAMOS, 1982, p. 118). A crença reforça o desejo da personagem de que a família sobreviva, porque a mulher reza para que eles resistam, na esperança de que consigam uma vida melhor.

Sinhá Vitória não fala muito durante a narrativa, contudo, é ela quem inicia as conversas importantes com Fabiano, alertando para o fato de que a seca está prestes a voltar, por ela percebeu as aves bebendo a água dos outros animais, aludindo sobre a compra do couro para a cama, e incentivando o marido para que a família mude-se para outro local.

A mulher demonstra uma bravura que a seca não foi capaz de diminuir, e em diversos trechos da obra é ela quem encoraja o marido a tomar decisões vitais para a continuidade da família. É possível perceber sua força desde o primeiro capítulo da obra, quando indica que a família deve seguir caminhando, ao sacrificar o papagaio e ao fazer as contas sobre a dívida de Fabiano com o patrão. No capítulo “*Fuga*” o narrador revela ao leitor o único momento de desilusão da personagem; ela sente vontade de desabafar suas angústias conversando com alguém:

Reanimou-se, tentou libertar-se dos pensamentos tristes e conversar com o marido por monossílabos. Apesar de ter boa ponta de língua, sentia um aperto na garganta e não poderia explicar-se. Mas achava-se desamparada e miúda na solidão, necessitava um apoio, alguém que lhe desse coragem. Indispensável ouvir qualquer som. A manhã, sem pássaros, sem folhas e sem vento, progredia num silêncio de morte. A faixa vermelha desaparecera, diluíra-se no azul que enchia o céu. Sinhá Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. (RAMOS, 1982, p. 118)

Nesse momento, ela chega-se ao marido procurando amparo, ele por ser bruto não compreende o que ela quer dizer, mas expõe à esposa que no novo local a família há de viver mais tranquilamente, sem tantas adversidades. Fabiano ainda explica que o futuro dos filhos estará assegurado, e que a vida estável – desejo de Sinhá Vitória – está próxima de se realizar. A obra encerra-se com uma perspectiva otimista para essa personagem, pois a família encaminha-se para um lugar onde a seca não possa atingi-los, as crianças possam estudar, Fabiano e Sinhá Vitória poderão viver mais tranquilos, como gente.

1.4. Fabiano

Fabiano é o patriarca da família, marido de Sinhá Vitória e pai dos dois meninos. Sabemos que ele é ruivo e que trabalha como vaqueiro, porque seu pai e avô também foram vaqueiros. A trajetória dessa personagem inicia-se com a travessia da caatinga com a família, quando ele precisa carregar o menino mais novo, que desmaiou. Fabiano sente raiva do filho, porque o pequeno sucumbiu à exaustão, e tem vontade de bater no menino e deixá-lo no local onde ele caiu. Mas, depois de passada a raiva, sente pena do garoto, que parece um cadáver, sem forças para continuar. Nesse momento Fabiano tem uma atitude paternal.

Ele busca água salobra para a família, momento em que a personagem inicia um debate interior sobre ser homem ou ser bicho: “Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. (...) Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.” (RAMOS, 1982, p. 18). Nesse ponto da narrativa, o leitor pode compreender que, ao se considerar bicho, Fabiano sabe que será capaz de permanecer na adversidade, lutando instintivamente por sua sobrevivência porque ele quer viver. Por esse motivo ele conduz a família em dois momentos na travessia da caatinga, fugindo da seca, em busca de um lugar melhor, onde eles não sofram.

A personagem de *Vidas Secas*, pela modulação do narrador, é homem convertido em paisagem, em coisa, em planta, em animal, silencioso, com ideias fragmentadas sobre a realidade que o conforma, oprimido e inútil diante de situações que requerem uma resolução, embora seja consciente dessas situações, e, principalmente da sua condição de fraqueza, da falta de preparo para lidar com a realidade dos homens de poder, enfim de sua impotência. Por outro lado, é bastante forte para resistir às desgraças da seca, e luta por um novo espaço, partindo sempre, pois quer viver. (ALVES, 2007, p. 121)

Fabiano encontra uma fazenda abandonada. O homem decide que se estabelecerão na fazenda, e ele sente orgulho por ter conduzido a família até ali, projetando um futuro de esperanças para eles: Fabiano cuidaria da fazenda e dos animais, Sinhá Vitória, das crianças e da casa. Passado algum tempo, a chuva retorna e com ela o proprietário da fazenda, que expulsa Fabiano. O vaqueiro oferece seus serviços ao patrão, que por ter encontrado a propriedade em ordem, aceita. Assim, Fabiano e a família se fixam na fazenda.

O vaqueiro vai à cidade comprar mantimentos solicitados por Sinhá Vitória. O homem interrompe suas compras para beber pinga, irritado porque crê estar sendo logrado por todos os vendedores, que lhe roubam na quantidade ou adicionam água ao querosene. Até no momento de beber a pinga, Fabiano acha que estão lhe servindo a bebida misturada com água. Nesse momento, um soldado o convida a jogar uma partida de cartas, Fabiano não quer se envolver no jogo, mas acaba enrolando-se com as palavras e não consegue desvencilhar-se do convite “Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer Enfim, contanto, etc. É conforme.” (RAMOS, 1982, p. 27). Ele perde dinheiro na partida e abandona a mesa de jogo muito bravo, porque não sabe como explicaria o dinheiro gasto à esposa.

Enquanto toma o caminho de casa, imagina as possíveis histórias a contar a Sinhá Vitória, para dar conta do dinheiro gasto. Fabiano pensa em diversas histórias para ludibriar a esposa, mas nenhuma delas parece ser o suficiente para enganar a mulher sobre o dinheiro, pois ele sabe que Sinhá Vitória é mais inteligente do que ele, e perceberia a mentira. Uma das possíveis histórias imaginadas pelo personagem está ligada ao soldado que o convidou para a partida, ele se imagina dizendo que é aparentado com soldado, para despertar orgulho na esposa.

Debaixo do jatobá do quadro taramelou com Sinhá Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa. Que desculpa iria apresentar a Sinhá Vitória? Forjava uma explicação difícil. Perdera o embrulho da fazenda, pagara na botica uma garrafada para Sinhá Rita louceira. Atrapalhava-se tinha imaginação fraca e não sabia mentir. Nas invenções com que pretendia justificar-se a figura de Sinhá Rita aparecia sempre, e isto o desgostava. Arruinaria uma história sem ela, diria que haviam furtado o cobre da chita. Pois não era? Os parceiros o tinham pelado no trinta-e-um. Mas não devia mencionar o jogo. Contaria simplesmente que o lenço das notas ficara no bolso do gibão e levava sumiço. Falaria assim: - "Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado

amarelo" Não, não encontrara ninguém. Atrapalhava-se de novo. Sentia desejo de referir-se ao soldado, um conhecido velho, amigo de infância. A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a pabulagem. (RAMOS, 1982, p. 28).

Durante o trajeto de Fabiano, o soldado que o convidou para o jogo de cartas, acompanhado de alguns colegas, prende Fabiano por desacato. O vaqueiro tenta novamente se explicar, mas devido à baixa fluência verbal não consegue dizer nada inteligível ao soldado. Fabiano passa a noite na cadeia sem entender por que está ali. Faz algumas digressões, buscando compreender o que tinha despertado o desgosto do soldado, mas não é capaz de encontrar as respostas. O vaqueiro sente-se injustiçado, acreditando que o soldado não deveria tê-lo prendido.

Porque tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir. (RAMOS, 1982, p. 30).

A partir desse dia Fabiano começa a nutrir um sentimento de vingança pelo soldado amarelo. Acha injusta a atuação do outro e reflete sobre a provável autoridade do soldado. Nesse capítulo o leitor toma conhecimento de uma das aspirações da vida desse personagem: a vingança contra o soldado amarelo. Fabiano pensa na ligação entre o soldado e o governo, sabe que o governo é autoridade inegável, mas crê que o governo é sempre justo e nunca erra, enquanto que o soldado havia errado por tê-lo prendido.

E, por mais que forcejasse, não se convencida de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. (RAMOS, 1982, p. 17)

Nesse trecho é possível perceber a ironia de Graciliano Ramos a respeito do governo, pois o pensamento do iletrado e humilde Fabiano em relação ao governo é que esse é autoridade máxima e está sempre certo. O governo é aos olhos da personagem incorruptível, seus atos são sempre legítimos. Ao expor os pensamentos de Fabiano acerca do governo, Graciliano Ramos abre espaço em sua narrativa para que o leitor pense que, quanto menos culto o cidadão, menos ele conhece do governo. Fabiano julga

que o governo é algo distante e não relacionado com a sua vida, desconhecendo o preceito de que a entidade governamental existe para servir ao cidadão. “Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar”. (RAMOS, 1982, p. 33). Para essa personagem, o governo atua como uma força superior, acima do bem e do mal.

Numa noite fria e chuvosa de inverno, Fabiano conta à família histórias de suas andanças, como ele foi preso e enfrentou o soldado amarelo. Por já haver contado a história anteriormente, muda trechos da narrativa com a intenção de gabar-se de seus feitos. Nessa noite, Fabiano está feliz porque a chuva veio. A tormenta que deixa a mulher e os filhos temerosos não aflige o homem, porque sabe que a tempestade afastará a seca, permitindo a família permanecer na fazenda por mais tempo.

No capítulo “*Festa*”, com a aproximação do Natal, Fabiano e sua família vestem roupas novas para ir à igreja. O homem não compreende por que deve vestir-se com roupas novas, mas o faz mesmo assim. Ele não se sente confortável com os sapatos e resolve tirá-los para tornar o restante da caminhada à vila mais confortável. Findada a caminhada, na hora de calçar os sapatos, Fabiano não consegue recolocá-los nos pés com facilidade. Depois de uns instantes, consegue calçar-se novamente à força. Mesmo com os pés doendo, o grupo resolve prosseguir à igreja. Nesse episódio, podemos perceber que a família, ainda que tente, não consegue assemelhar-se às outras pessoas, porque os membros não estão acostumados a se portar de forma civilizada. Acostumados aos animais, assemelham-se a esses, porque agem de forma parecida, comunicam-se do mesmo modo e vivem tal qual os bichos. Há um distanciamento entre as personagens e as pessoas da cidade, enfatizando o processo de zoomorfização presente ao longo da obra. Esse sentimento de não pertencimento a sociedade experienciado pelos retirantes durante a festa na cidade comprova que, aos olhos das próprias personagens, eles se encontram mais animalizados do que humanizados.

Durante a festa, Fabiano resolve dar-se à bebida e ao jogo por achar que é um dia atípico. Embriagado, Fabiano desafia a todos, acreditando que todos são soldados amarelos e tentando vingar-se, mas ninguém lhe dá atenção. Por fim, adormece debaixo de uma árvore e sonha com o soldado.

Fabiano percebe que a cachorra Baleia está doente e resolve acabar com o sofrimento do animal, sacrificando-o. A atitude do personagem é louvável, porque ele sabe que o bicho está doente e sofrerá se permanecer vivo, contudo, o vaqueiro sente-se

culpado pela morte do animal. Fabiano atira em Baleia, mas erra a pontaria: a bala atinge apenas a traseira do animal, levando a uma morte triste e dolorosa. O homem não se sente em paz com a morte da cachorra, e, assim como Sinhá Vitória é atormentada pelo sacrifício do papagaio, Fabiano é atormentado pelo sacrifício de Baleia. Mesmo se considerando um “bicho”, Fabiano tem sentimentos nobres, alertando o leitor para sua humanidade.

Fabiano vai à cidade vender cortes de porco, mas é surpreendido por um fiscal que exige impostos. Decide parar de negociar porque sempre acha que todos estão a roubar-lhe, até mesmo o governo. Nesse episódio ressurge a figura do Estado opressor, fazendo com que o vaqueiro sinta-se mais uma vez explorado e humilhado por essa presença ameaçadora chamada governo.

Quando, em outra oportunidade, protagonista busca uma égua que havia fugido, é surpreendido pelo soldado amarelo que o encarcerou. A personagem lembra seu desejo de vingança, porque depara-se com a oportunidade ideal, tendo encontrado o objeto de seu ódio isolado. Entretanto, novamente o conflito sobre a autoridade do soldado volta ao vaqueiro, e ele já compreende que o soldado também é autoridade, sendo, portanto, também governo. Sua hesitação em matar o soldado não é fruto de piedade ou qualquer fraqueza pessoal; o que lhe impede de assassinar o soldado é o reconhecimento da autoridade que intimida o sertanejo.

Afastou-se, inquieto. Vendo-o acanalhado e ordeiro, o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro.

- Governo é governo.

Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo. (RAMOS, 1982, p. 107)

Fabiano sabe que está em vantagem em relação ao soldado, mas pondera sobre sua vingança, despindo-se de seus instintos animais e, agindo como homem civilizado, aponta a direção certa ao soldado e deixa-o ir.

Fabiano mata um bezerro e salga-o, preparando-se para uma nova viagem. Ele ouve as aflições da mulher e decide que devem rumar para a cidade, procurando sobreviver. O pai deseja viver, ensinar os filhos a serem corretos, não quer perecer por conta da seca. No capítulo “*Fuga*”, a personagem consegue identificar algum valor em si mesmo, ao perceber que conhece bem a geografia do local onde se encontram e por

isso pode guiar a família a um lugar melhor, garantindo assim, a continuidade da família.

Os desejos de Fabiano são expressos de formas diferentes durante a narrativa. Seu desejo de vingança é verbalizado em diversas passagens. Por outro lado, sua vontade de garantir a sobrevivência da família é apenas compreendida pelo leitor por recortes de pensamentos e em algumas atitudes, tal qual a procura por um local onde poderiam estabelecer-se, para fugir da seca. Sua ambição inicial é o de vingar-se do soldado amarelo, o desejo é tão forte que lhe aparece até em sonho. O homem desiste da vingança, por compreender que há uma hierarquia na sociedade, estando o soldado amarelo acima do vaqueiro nessa organização. O outro desejo de Fabiano, esse mais duradouro, é de garantir a sobrevivência da família, afastá-la da seca e da adversidade. Essa vontade é encorajada pela mulher, por isso Fabiano decide que a família mudaria da fazenda, procuraria um local melhor para fixar-se. A personagem compreende que é não é tão inteligente quanto à esposa, e por isso apega-se a ela, concordando com as ideias trazidas pela mulher.

Ainda no último capítulo, durante a caminhada, Fabiano e Sinhá Vitória compartilham seus desejos e planos para o futuro da família. Ao conversar sobre o que os filhos fariam no futuro, Fabiano percebe que a esposa não quer que os filhos tenham o mesmo ofício que o pai.

Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.
- Vaquejar, opinou Fabiano.

Sinha Vitória, com uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que idéia! Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catanga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. (RAMOS, 1982, p. 122).

Através da resposta de Sinhá Vitória, Fabiano percebe que o ciclo vivido por ele está findando: os filhos não serão vaqueiros, tal qual ele é por modelo do pai e do avô. A perspectiva de vida dos pequenos será mais digna e civilizada do que a dele porque os filhos serão escolarizados, afastados da miséria e da seca social.

2. A EXPRESSÃO VERBAL

O romance *Vidas Secas* tem sido estudado desde sua publicação em 1938 enquanto uma obra que ressalta as características do sertanejo, apresentando ao leitor um homem – no sentido genérico – forte e aguerrido, capaz de suportar a fome, a seca, a opressão e ainda assim sobreviver. Segundo GONZAGA (2010, p. 365), “a hostilidade da natureza e a opressão do sistema rural arcaico parecem eliminar do vaqueiro e de sua família vários traços de humanidade, impelindo principalmente Fabiano a desconfiar de sua própria condição.”. Esse autor reforça seu argumento explicando que diversas vezes na narrativa o protagonista se vê como um animal – “Você é um bicho, Fabiano” (RAMOS, 1982, p. 18) –, orgulhando-se de assemelhar-se aos bichos, porque esses resistem em meio às adversidades. O autor ainda destaca que a presença da cachorra Baleia é utilizada no romance para enfatizar o processo de zoomorfização da família, já que o animal é apresentado no romance como um ser pensante, sendo seu nível intelectual equivalente ao da família. Ao colocar Baleia com uma estrutura linguística semelhante à da família, Graciliano Ramos enfatiza a humanidade do animal e a animalização dos seres humanos.

A estrutura narrativa da obra é um aspecto que merece aqui ser mencionado. Graciliano Ramos utiliza-se de um narrador em terceira pessoa que não se revela completamente ao leitor, misturando ideias e juízos das personagens às suas falas enquanto condutor da narrativa. Alfredo Bosi (1991, p. 456) observa que “o narrador sumiu por trás das criaturas, na verdade deslocou o “*fatum*” do *eu* para a natureza e para o latifúndio”.

Essa narrativa é construída pelo fluxo de consciência das personagens, expressos por meio de discursos direto e indireto livre, contudo, a autoanálise dessas personagens é feita pelo narrador. De acordo com ALVES (2007, p. 115), “[o narrador] se encontra num plano mais privilegiado social e culturalmente, portanto letrado e que julga o indivíduo rude e analfabeto, incapaz para essa atividade”.

A maioria dos críticos literários e estudiosos dessa obra acredita que essa relação entre o narrador e as personagens faz-se fundamental para a organização do discurso dentro da obra, porque as personagens não conseguem se expressar com clareza, devido

à falta de recursos verbais ou pela incapacidade das mesmas em compreenderem umas as outras:

Para chegar lá, Graciliano Ramos usou um discurso especial, que não é um monólogo interior e não é também intromissão narrativa por meio de um discurso indireto simples. Ele trabalhou como uma espécie de procurador de personagem, que está legalmente presente, e por isso há na sua voz uma certa objetividade de relator. Mas quer fazer as vezes de personagem de modo que, sem perder a própria identidade, sugere a dele. Resulta numa realidade honesta, sem subterfúgios nem ilusionismo, mas que funciona como realidade possível. (CANDIDO, 2006 p. 150)

Segundo a fortuna crítica, a incapacidade de verbalização plena é apontada como o principal fator da relativização da humanidade das personagens. Apesar de muito enfatizado, discordamos do argumento de que a baixa verbalização torna as personagens animalizadas. Dentro dessa obra, o único elemento que diferencia as personagens humanas e a cachorra Baleia é a capacidade de aquelas expressarem-se verbalmente. Ao utilizar o narrador para mediar os pensamentos de Baleia, Graciliano Ramos leva o leitor a pensar que o animal é tão racional – ou até mais – que as personagens humanas. Contudo, é preciso que o leitor observe os espaços preenchidos pelo narrador para que não se deixe iludir:

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos. Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda. (RAMOS, 1982, p. 48).

Nesse trecho, podemos perceber que o narrador utiliza-se da posição privilegiada para preencher as lacunas da narrativa da cachorra, conferindo-lhe feições humanas, ao utilizar comparativos que a aproximam do comportamento das pessoas. Além disso, Baleia é objeto de grande apreço de todos os membros da família, por tê-los salvo da inanição ao caçar o preá, por ser companheira dos meninos ou por acompanhar Fabiano nas tarefas do vaqueiro.

Sendo o narrador o responsável pelo processo de humanização da cachorra, é também ele quem encolhe psicologicamente as personagens. Os adjetivos empregados para descrevê-las e as comparações com atitudes animais ou mesmo com a paisagem, conduzem o leitor a aproximar essas personagens de outras categorias que não a humana:

O narrador parece bastante hostil em relação a suas criaturas. A comparação da personagem protagonista à ave sinistra em tempos de seca, associada as demais comparações sofridas pela mesma em toda a narrativa, além de insinuar esta reação do narrador para com a personagem, revela o estado de espírito da mesma: *Fabiano andava pesado, direitinho um urubu.* (ALVES, 2007, p. 117).

Émile Benveniste, linguista estruturalista francês, em seu livro *Problemas de Linguística Geral*, aborda alguns aspectos acerca da comunicação e interação humana. No capítulo *Comunicação Animal e Linguagem Humana*, explica que a linguagem humana, diferentemente das linguagens das abelhas e outros animais, não pode ser simplesmente reduzida a um sistema de estímulo-resposta. O autor também afirma que “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou.” (BENVENISTE, 1988, p.285). Sendo assim, nenhuma outra espécie poderá se assemelhar aos humanos, porque não possui a expressão verbal em sua essência. O linguista observa ainda que é através da linguagem que os seres humanos encontram significação: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamentada na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito ‘ego’”. (BENVENISTE, 1988, p. 286).

Sendo a linguagem um sistema próprio apenas aos seres humanos, não podemos considerar a personagem Baleia como pertencente à outra espécie que não a sua, porque, mesmo que o animal assemelhe-se a pessoas, não é capaz de expressar-se verbalmente. Além disso, a aproximação da personagem com o comportamento humano é motivado pelo narrador, logo ela não é o sujeito de seu próprio discurso.

Ao analisar as outras personagens da família, é possível perceber que aquelas acreditam não terem aptidão para comunicar-se, percebendo o problema de comunicação verbal em si mesmos e ainda almejando possíveis soluções. Fabiano, como exemplo, admira Seu Tomás da Bolandeira porque este fala bem: “Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia

mandar: pedia.” (RAMOS, 1982, p. 22). O narrador conta que Fabiano tentava imitar Seu Tomás dizendo “palavras difíceis”; o vaqueiro acredita que sua expressão verbal evoluiu devido à imitação do vocabulário culto do outro.

Durante a narrativa, o narrador faz alusão à baixa humanização das personagens, apontando que aquelas fazem sons guturais ou de imitação dos animais na tentativa de se comunicar: “Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo”. (RAMOS, 1982, p.63) Por conta da expressão não verbal utilizada pelas personagens em momentos diversos, o leitor pode pensar que essas personagens são mais animais do que gente, contudo, segundo Bakhtin (2006), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, a comunicação verbal é inseparável das outras formas de comunicação, implicando conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder. Além disso, esse autor anota que o discurso interior – linguagem – é essencialmente humano, não sendo próprio de nenhuma outra espécie.

Segundo Antonio Candido, em *A Personagem de Ficção* (2005), não é possível desvincular completamente a criação de um personagem das experiências vividas pelo escritor. Sendo Graciliano Ramos um autor que busca retratar em suas obras a realidade social e as faces do sofrimento humano, podemos concluir que o espaço onde as personagens encontram-se age sobre elas, influenciando-as em diversos aspectos. Ao levar em consideração o ambiente hostil em que se encontram as personagens, é possível concluir que elas só podem contar umas com as outras, acabam por dispor de vocabulário reduzido.

Bakhtin define expressão como “a mais simples e mais grosseira definição é: tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores”. (2006, p. 114) Fica claro na teoria de Bakhtin que a linguagem só se concretiza por haver um interlocutor. Ao transpor essa teoria para o romance, percebemos que há dificuldade para as personagens principais em relacionarem-se com interlocutores, sendo Fabiano quem melhor expressa o problema:

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano:
- Como é, camarada?

Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?
Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira: - Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer Enfim, contanto, etc. É conforme. (RAMOS, 1982, p. 27)

Nesse trecho, a personagem percebe que não consegue se comunicar de forma apropriada com seu interlocutor – o soldado amarelo. O vaqueiro dá-se conta que se conseguisse falar tal qual seu Tomás, certamente teria conseguido esquivar-se do jogo. A teoria bakhtiniana aponta ainda que a língua constitui um processo de evolução ininterrupto que se realiza através da interação verbal. Em Fabiano, o leitor não consegue perceber a evolução de sua expressão verbal durante a narrativa, porque a personagem permanecesse no mesmo ambiente.

O meio onde a família encontra-se não permite a evolução linguística de seus membros. A ideia da seca pode ser uma metáfora para a seca da vida das personagens, fazendo com que não sejam “germinadas” evoluções no campo social para elas. Isso causa um deslocamento dessas personagens do coletivo, criando nelas a sensação de não pertencimento, por isso buscam assemelhar-se aos animais, porque a sociedade as rejeitou. Bakhtin explica que a palavra é “uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (2006, p. 113); no caso das personagens, não houve a criação dessa ponte, porque a expressão verbal das mesmas não permitiu, figurando, portanto, apenas no psiquismo desses indivíduos.

Com o capítulo “Mudança”, o leitor toma conhecimento da nova trajetória da família. Ao rumar para o sul, a família cria uma série de expectativas em relação ao futuro. Os pais anseiam por mudança para os filhos, eles desejam que os pequenos abandonem o ciclo de sobrevivência herdado por Fabiano: sempre trabalhando para um superior, vaquejando, mudando de lugar para fugir da fome e da seca. Fabiano compreende que a perspectiva de vida em um novo lugar será positiva, tal qual ele havia sonhado, logo no início da trajetória da família.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. (RAMOS, 1982, p. 24)

Durante a narrativa, a família é vista como um bando de animais; as atitudes dessas personagens assemelham-se a dos bichos, seus gestos, suas tentativas de interação uns com os outros, até mesmo a vida que as personagens têm é mais próxima da condição dos animais do que das pessoas. O único elemento que age como humanizador para essas personagens é a expressão verbal. Apesar de precária, essa verbalização existe dentro da narrativa, e é esse o elemento que afasta a família da animalização. Segundo Benveniste (1988), enunciar (falar) é um ato que nos torna indivíduos, sendo assim, ao expressarem-se verbalmente essas personagens tornam-se sujeitos aptos para representar sua realidade.

Acreditamos que só a linguagem verbalizada pode permitir que essas personagens tornem-se sujeitos, expressando a subjetividade construída no interior de cada indivíduo. Nessa obra, o narrador auxilia o leitor a reconhecer o discurso interno de cada personagem. Isso é possível porque é através do narrador que o leitor tem acesso às aspirações e a trajetória de cada personagem. Contudo, o leitor só reconhece como cada personagem lida com suas aspirações através do discurso direto, imbricado na fala do narrador. Apontada essa oposição entre o expresso pelo narrador e o enunciado pelas personagens, podemos afirmar que o processo de tornar-se sujeito dá-se, como explicitou Benveniste (1988), apenas pela linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Vidas Secas* é genuinamente um retrato da adversidade experienciada pelo homem. A ideia de Graciliano Ramos de retratar o ser humano distanciado da vida em sociedade e assemelhando-se aos animais faz com que ele seja um dos grandes autores da literatura brasileira. Ao final desse percurso em que foram analisadas as trajetórias, aspirações e expressões verbais das quatro personagens principais humanas de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, procurou-se mostrar que, contrariamente ao que a fortuna crítica literária apresenta, acreditamos que a expressão verbal das personagens contribui para ênfase de seu caráter humano, afastando-as assim da animalização proposta pelos estudos em geral.

Embasados em Emile Benveniste (1988), apontamos a linguagem como essencialmente humana, não sendo possível em outra espécie que não essa. Denota, assim, uma característica impossível de ser encontrada em animais, mostrando também que Fabiano, Sinhá Vitória, Menino mais novo e Menino mais velho não poderão ser considerados como animais, porque conseguem apropriar-se da língua, tornando-se sujeitos da mesma por expressar sua subjetividade através dela.

Percebeu-se também que o narrador confunde o leitor, ao ocupar os espaços deixados pela falta de falas das personagens. Por isso, o leitor tem a impressão de que quem fala é o narrador, todavia, é possível distinguir onde há intervenção do narrador e em que momentos as personagens estão falando.

Um dos problemas apresentados pela obra em relação à expressão verbal dessas personagens refere-se a interação social: nenhum dos membros da família consegue interagir de forma efetiva com um interlocutor – sendo esse interlocutor também parte da família ou não. A mudança de ambiente abre espaço para uma transformação de perspectiva no campo da interação verbal. A mudando da fazenda, onde a família encontra-se isolada, bem como a possibilidade de interação com outros e de vida em sociedade contribuirão para que o processo de zoomorfização fique cada vez mais no passado da família retirante, permitindo que entre em cena o processo de humanização que acreditamos acontecer basicamente por conta da interação verbal.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lourdes Kaminski. *Os Narradores das Vidas Secas: da construção do texto à constituição do sujeito*. São Paulo: Scortecci, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENVENISTE, Émile. Da Subjetividade da Linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. p. 284-293.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. Personagem do Romance. _____.et al (Org). *Personagem de Ficção*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Fernando Juarez. *De Dependentes a Pobre Diabos: um breve percurso da pobreza na literatura brasileira*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

GONZAGA, Sérgio. *Curso de Literatura Brasileira*. 2. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.

WALTER, Letícia. *A Posição Física e a Falta de Signos Linguísticos como Fator Redutor em Vidas Secas*. Porto Alegre, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

ANEXOS

1.1 Discurso direto

DISCURSO DIRETO							
FABIANO	PG	SINHÁ VITÓRIA	PG	MENINO MENOR	PG	MENINO MAIS VELHO	PG
Comprei os mantimentos. Botei o gibão e os alforjes na bodega de seu Inácio. Encontrei um soldado amarelo.	15						
Natural.	15						
Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.	16						
Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.	16						
Porque tinham feito aquilo?	16						
Bem, bem.	16						
Safado, mofino, escarro de gente. Por mor de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família.	17						
Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele?	17						
Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.	17						
Merecia castigo?	17						

DISCURSO DIRETO (continuação)							
FABIANO	P G	SINHÁ VITÓRIA	P G	MENINO MENOR	P G	MENINO MAIS VELHO	P G
Para que serviam os soldados amarelos?	1 7						
Bem,bem. Não há nada não.	1 7						
An!	1 7						
Chi! que pretume!	1 8						
Bota o pé aqui.	3 0						
Arreda.	3 0						
Está certo	4 0						
Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos.	4 3						
Festa é festa.	4 3						
Apareça um homem! berrou.	4 3						
Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem.	4 3						
Cambada de que?	4 3						
Cambada de cachorros.	4 4						
Eco! eco!	4 8						
Ladroeira.	5 2						
Hum! hum!	5 2						
Um bruto, está percebendo?	5 2						
Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso.	5 2						

DISCURSO DIRETO (continuação)							
FABIANO	P G	SINHÁ VITÓRIA	P G	MENINO MENOR	P G	MENINO MAIS VELHO	P G
Um dia um homem faz besteira e se desgraça.	5 3						
An!	5 4						
Como a gente pensa coisas bestas!	5 7						
Quem disse que não servia?	5 9						
Governo é governo.	5 9						
Chi! Que fim de mundo!	6 0						
Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele.	6 2						
Miseráveis.	6 2						
Miseráveis.	6 2						
Pestes.	6 3						
Acabou-se.	6 6						
O mundo é grande.	6 8						
Menino é bicho miúdo, não pensa.	6 8						
Vaquejar	6 8						
Pestes. (3 vezes)	7 0						
Tenho comido tocinho com mais cabelo	7 0						

1.2 Discurso indireto

DISCURSO INDIRETO							
FABIANO	P G	SINHÁ VITÓRIA	P G	MENINO MAIS NOVO	P G	MENINO MAIS VELHO	P G
Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás?	6	Em que estava pensando?	2 3	Porque seria?	2 7		
Sim senhor, arrumara-se.	8	Não é que ia deixando a comida esturrar?	2 3				
Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim sennhor, hóspede que demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.	9	Para que fazer vergonha à gente?	2 3				
Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.	1 0	Para que Fabiano fora despertar-lhe aquela recordação?	2 4				
desculpava-se e prometia emendar-se.	1 1	Não era que a raposa tinha passado no rabo a galinha pedrês?	2 4				
Cambembes podiam ter luxo?	1 1	Porque não tinham removido aquela vara incômoda?	2 4				
Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira.	1 2	Se vendesse as galinhas e a marrã?	2 4				
Que desculpa iria apresentar a Sinha Vitória?	1 5	Onde tinha a cabeça?	2 5				

DISCURSO INDIRETO (continuação)							
FABIANO	PG	SINHÁ VITÓRIA	P G	MENINO MAIS NOVO	P G	MENINO MAIS VELHO	PG
Perdera o embrulho da fazenda, pagara na botica uma garrafada para Sinha Rita louceira.	15	aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.	60				
O dinheiro fugira do bolso do gibão, na venda de seu Inácio. Natural.	15	Em que estariam pensando?	68				
Porque tinham feito aquilo?	16	Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que idéia! Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catanga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes.	68				

DISCURSO INDIRETO (continuação)							
FABIANO	PG	SINHÁ VITÓRIA	PG	MENINO MAIS NOVO	PG	MENINO MAIS VELHO	P G
Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito?	17						
Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-seum cabra na cadeia, dá-se pancada nele?	17						
Porque vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros.	17						
Tinham lá coragem?	17						
Chi! que pretume!	18						
Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa	51						

DISCURSO INDIRETO (continuação)							
FABIANO	PG	SINHÁ VITÓRIA	PG	MENINO MAIS NOVO	PG	MENINO MAIS VELHO	PG
Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!	51						
Podia comer a carne? Podia ou não podia?	52						
Como a gente pensa coisas bestas!	57						
Como era que Sinha Vitória tinha dito?	60						
Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele.	62						
Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.	65						

DISCURSO DIRETO (continuação)							
FABIANO	P G	SINHÁ VITÓRIA	P G	MENINO MAIS NOVO	P G	MENINO MAIS VELHO	P G
Anda, condenado do diabo	3	Arreda!	2 1	Seria que aquilo tivesse sido feito por gente?	4 5	Como é?	3 0
Anda, excomungado.	3	É capaz de Fabiano ter- se esquecido da vaca laranja.	2 2	Vão bulir com a Baleia?	4 7	A senhora viu?	3 0
Fabiano, você é um homem, (...)	8	Iche!	2 3			Inferno, inferno.	3 2
Você é um bicho, Fabiano.	8	Mal-agradecido.	2 3			Para que Sinha Vitória tivesse dito aquilo?	3 3
Um bicho, Fabiano.	9	Safadinhos! porcos! sujos como...	2 3			Vão bulir com a Baleia?	4 7
Você é um bicho, Baleia.	9	Ladroneja.	2 4				
Esses capetas têm idéias ...	1 0	Este capeta anda leso.	2 7				
Eco! ecô! (duas vezes)	1 0	Hum! hum! Que brabeza!	3 4				
Aí está.	1 1	Estourado.	3 4				
seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.	1 1	An!	3 5				
Um homem, Fabiano.	1 2	An!	3 5				
Por que é que vossemecê bota água em tudo?	1 4	Capeta excomungado.	4 7				
Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer Enfim, contanto, etc. É conforme.	1 5	Em que estariam pensando?	6 8				
Bem feito.	1 6	Não é?	7 0				

1.3 Discurso indireto livre

DISCURSO INDIRETO LIVRE							
FABIANO	P G	SINHÁ VITÓRIA	P G	MENINO MAIS NOVO	P G	MENINO MAIS VELHO	P G
eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor	43	Abandonar os meninos, o marido naquele estado?	44	Seria que aquilo tinha sido feito por gente?	4 5		
Cambada de que?	43	Então ele não conhecia aquelas paragens? Estava a falar variedades?	69				
Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento? Hem? Que iam ganhar?	54						

1.4 Discurso interior

DISCURSO INTERIOR							
FABIANO	PG	SINHÁ VITÓRIA	PG	MENINO MAIS NOVO	PG	MENINO MAIS VELHO	PG
jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?	11	o bebedouro secava, a panela não tinha sido temperada.	23	Como estariam as nuvens?	29	Como era possível haver estrelas na terra?	33
Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase um rês na fazenda alheia.	12	Insosso, nem parecia bóia de cristão.	23	Que fim teria levado Baleia?	45	Como era possível haver estrelas na terra?	33
Coitado. Para que lhe servira tanto, livro, tanto jornal?	12	Seria possível que a água topasse os juazeiros?	35	Como podiam os homens guardar tantas palavras?	45	Para que Sinha Vitória tinha dito aquilo?	33
Por que seria que seu Inácio botava água em tudo?	14	Seria que ele estava com intenção de progredir?	36			Teria sido melhor a repetição das palavras.	37
Pobre de seu Tomás. Um homem tão direito sumir-se como cambembe, andar por este mundo de trouxa nas costas. Seu Tomás era pessoa de consideração e votava. Quem diria?	14	Não poderia voltar a ser o que já tinham sido?	67			Que estariam fazendo? Por que gritavam a cantoria gorgolejada e triste?	37
Pois não era? Os parceiros o tinham pelado no trinta-e-um.	15	Não seria bom tornarem a viver como tinham vivido, muito longe?	67			Como podia haver tantas casas e tanta gente?	40
Merecia castigo?	17	Porque não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira?	68			Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas?	40

DISCURSO INTERIOR (continuação)							
FABIANO	PG	SINHÁ VITÓRIA	PG	MENINO MAIS NOVO	PG	MENINO MAIS VELHO	PG

Talvez fosse efeito da cachaça	18	Porque haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos?	68				
Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?	18						
Sinha Vitória perceberia a atrapalhão dele?	43						
Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos?	53						
Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica?	53						
Medo daquilo? Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro. Ele não era dunga na cidade? Não pisava os pés dos matutos, na feira?	57						
Não botava gente na cadeia? Sem-vergonha, mofino.	57						

DISCURSO INTERIOR (continuação)							
FABIANO	PG	SINHÁ VITÓRIA	PG	MENINO MAIS NOVO	PG	MENINO MAIS VELHO	PG
Porque motivo o governo aproveitava gente assim?	58						
Iria esfriando com a idade? Quantos anos teria?	59						
Coitadinha. Tinham-lhe aparecido aquelas coisas horríveis na boca, o pêlo caíra, e ele precisara matá-la. Teria procedido bem?	60						
Que havia de fazer? Fugir de novo, aboletar-se noutro lugar, recomeçar a vida.	61						
Para que recordar vergonha? Pobre dele. Estava então decidido que viveria sempre assim? Cabra safado, mole.	61						
Podia reagir? Não podia.	63						
Porque seria que o coração dele se apertava? Coitadinha da cadela.	63						
Se tivesse cometido um erro?	63						
Podia continuar a viver num cemitério?	65						
Seria necessário largar tudo?	66						
Que fazia ali virado para trás?	67						
Que iriam fazer?	71						